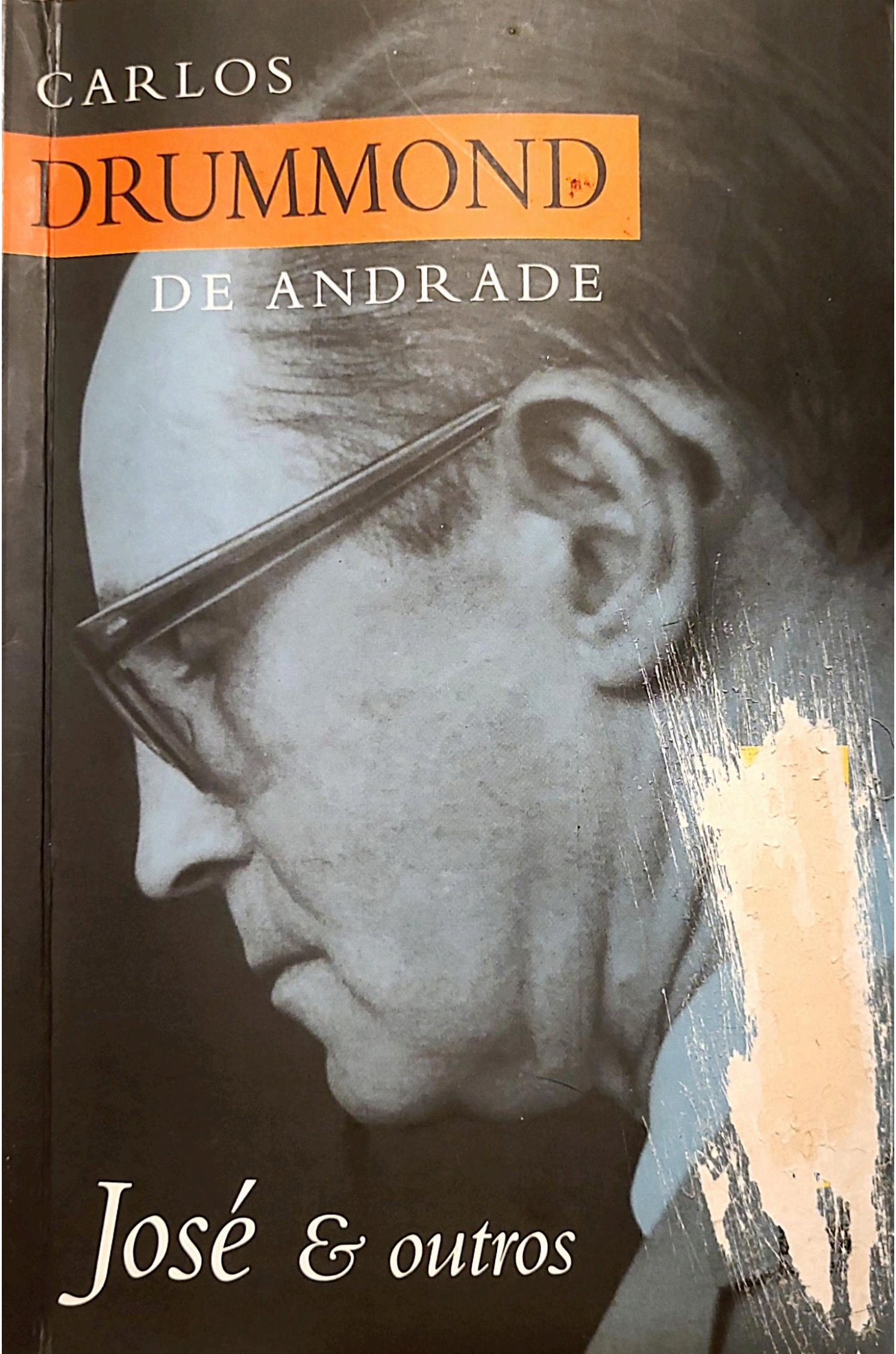
CARLOS

DRUMMOND

DE ANDRADE



José & outros

SUMÁRIO

Prefácio – *Júlio Castañon Guimarães* 5

NOVOS POEMAS
Canção amiga 15
Desaparecimento de Luísa Porto 17
Notícias de Espanha 23
A Federico García Lorca 25
Pequeno mistério policial ou A morte pela gramática 27
Jardim 29
Canto esponjoso 31
Composição 33
Aliança 35
Estâncias 39
O arco 41
O enigma 43

FAZENDEIRO DO AR
Habilitação para a noite 47
No exemplar de um velho livro 49
Brinde no banquete das musas 51
Domicílio 53
O quarto em desordem 55
Retorno 57
Conclusão 59
A distribuição do tempo 61
Viagem de Américo Facó 63
Circulação do poeta 65
Conhecimento de Jorge de Lima 67

O enterrado vivo 69
Cemitérios 71
Morte de Neco Andrade 73
Estrambote melancólico 75
Eterno 77
Escada 79
Elegia 81
Canto órfico 85
A Luis Mauricio, infante 89

JOSÉ
A bruxa 97
O boi 99
Palavras no mar 101
Edifício Esplendor 103
O lutador 109
Tristeza no céu 113
Rua do olhar 115
Os rostos imóveis 119
José 123
Noturno oprimido 127
A mão suja 129
Viagem na família 133

Cronologia 139
Bibliografia 151

Índice de títulos e primeiros versos 173

PREFÁCIO

Os três livros reunidos neste volume — *José*, *Novos poemas* e *Fazendeiro do ar* — não constituem uma seqüência no conjunto da obra poética de Carlos Drummond de Andrade. Entre *José* e *Novos poemas*, o poeta publicou *A rosa do povo*; e entre *Novos poemas* e *Fazendeiro do ar* publicou *Claro enigma*. Ao lado da pequena extensão dos três livros, o que em termos práticos permite sua reunião em um volume, existem algumas outras razões para que sejam editados lado a lado.

Quando publicados pela primeira vez, não foram lançados em volumes autônomos, mas dentro de reuniões da obra poética de Carlos Drummond de Andrade. Assim, a primeira edição de *José* ocorreu em 1942, dentro do volume *Poesias*, em que pela primeira vez se publicava em um único volume a produção poética de Carlos Drummond de Andrade até então. Tendo por título um nome próprio corrente, mas que se tornaria emblemático dentro da poesia de Carlos Drummond de Andrade, *José* é publicado de forma bastante discreta, pois no volume de 1942, com a capa singela e despojada de Santa Rosa, nada anunciava o novo livro. Este consistia num pequeno conjunto de poemas que ocupava o final do volume, composto, portanto, de quatro livros — *Alguma poesia*, *Brejo das Almas*, *Sentimento do mundo* e *José*.

Já os *Novos poemas* surgiram em 1948, dentro de *Poesia até agora*, novo volume a coligir a produção poética de Carlos Drummond de Andrade, a qual já contava com *A rosa do povo*, que havia sido publicado em 1945. A nova publicação da obra completa até então apresentava também capa de Santa Rosa, uma capa desta vez exclusivamente gráfica — num fundo ver-

melho, destacava-se em branco o título (era assim menos apagada que a da coletânea de 1942, que trazia uma pequena ilustração do capista, mas em que a única cor era o azul pálido do título e do nome da editora). Na folha de rosto, eram arrolados os livros que compunham o volume. Não havia, porém, qualquer chamada especial para o fato de que ali se encontrava um livro novo, inédito, salvo a menção, na orelha, de que o volume incluía "mais doze poemas novos". Essa discreta menção, em que não se fala de "livro", mas de um certo número de poemas que se acrescentam ao conjunto, estaria em consonância com o fato de que inicialmente Carlos Drummond de Andrade havia de fato considerado a possibilidade de intitular o pequeno bloco de novos poemas como "Suplemento 1946". Com esse primitivo título, posto de lado, ficaria mais flagrante a intenção de matizar a autonomia do novo livro.

Por fim, *Fazendeiro do ar* sai em 1954 no volume *Fazendeiro do ar e poesia até agora*, quando pela terceira vez se reuniu a produção poética de Carlos Drummond de Andrade. Neste caso, já não ocorre a discrição com que os outros são publicados. Aqui o título do novo livro aparece com destaque, constituindo o elemento principal do título do volume, composto também pela "poesia até agora", designação que se dá ao conjunto dos sete livros anteriores aí também publicados — aos que integravam a obra completa anteriormente publicada somam-se agora *Claro enigma*, que tivera edição autônoma em 1951, e *Fazendeiro do ar*.

Assim, os três volumes surgiram nas mesmas condições: incluídos em volumes de obra reunida, sendo que cada um deles constituía o livro novo que ali se publicava pela primeira vez. Não tiveram, portanto, edição autônoma. No entanto, o presente volume não constitui a primeira oportunidade em que os três

se reúnem fora de volumes de obra reunida. Em 1967, foi publicado o livro *José & outros*, composto pela edição de *José*, *Novos poemas* e *Fazendeiro do ar*, além de *A vida passada a limpo*, *4 poemas* (cuja primeira publicação se dera na *Antologia* lançada em 1962 e que posteriormente se integrariam a *Lição de coisas)* e *Viola de bolso II*. No volume a explicação para essa reunião era justamente o fato de os livros que ali se publicavam não terem tido até então publicação autônoma.

Outro aspecto que se poderia considerar como traço de união entre os três livros seria o fato de eles estarem próximos de livros de maior porte e especial importância. Assim, *José* está situado entre *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo;* logo após este vem *Novos poemas*, que por sua vez é seguido por *Claro enigma;* e a este se segue *Fazendeiro do ar.* No entanto, não há qualquer motivo para tentar estabelecer diferentes graus de importância entre eles, podendo-se considerar que as diferenças estão apenas nas dimensões e nas características próprias de cada um.

O pequeno — em número de páginas — *José*, por exemplo, é considerado por José Guilherme Merquior "uma das mais belas jóias do lirismo moderno em português". O poema que dá título a esse livro de apenas doze poemas (observe-se que esse é o mesmo número de poemas do volume *Novos poemas)* tornou-se um dos mais conhecidos da poesia brasileira. Já antes de sua publicação em livro, o poema, ao ser publicado num jornal, despertou grande atenção. Afinal, o poema criou uma expressão que entrou na linguagem corrente — "E agora, José?". A orelha do volume *José e outros* falava dessa "interrogação hoje repetida por políticos, jornalistas, donas de casa, gente do povo". Além disso, nesse livro está também outro poema, "O lutador", cujos versos iniciais são sempre citados como síntese da atividade de

criação literária: "Lutar com palavras / é a luta mais vã". No conjunto da edição dos três livros aqui reunidos, a lembrança desse poema, ou melhor, do embate de que ele fala, serve para tomar como exemplo desse embate justamente as diferenças e aproximações que a reunião dos três livros permite ver. De modo semelhante a esses versos que entraram num circuito corrente, o título do livro *Fazendeiro do ar* passou com freqüência a ser empregado para se referir por antonomásia ao próprio Carlos Drummond de Andrade, como sendo alguém que desempenha uma atividade criadora.

Para além da especial repercussão de alguns de seus versos, *José* é considerado também por José Guilherme Merquior como "uma etapa decisiva na obra drummondiana — uma ruptura com a evolução coroada por *Sentimento do mundo*". Esse comentário chama a atenção por dois motivos. Em primeiro lugar, por salientar a importância de *José*. Em segundo lugar, porque, para fazê-lo, aponta uma distinção radical, que talvez possa ser examinada em outros aspectos. Sem pôr as coisas em termos de ruptura, Antônio Cândido fala de "*Sentimento do mundo* e *José*, títulos que indicam a polaridade da sua obra madura; de um lado, a preocupação com os problemas sociais; de outro, com os problemas individuais, ambos referidos ao problema decisivo da expressão, que efetua a sua síntese". O fato é que os dois pólos referidos não estabelecem situações estanques entre os livros, tanto que é referida também uma síntese, situada no plano da expressão.

Os diferentes poemas, no caso de *José*, não se situam numa única e exclusiva dimensão. Assim, talvez se possam ler os versos iniciais de um poema como "A bruxa" — "Nesta cidade do Rio, / de dois milhões de habitantes, / estou sozinho no quarto, / estou sozinho na América" — como anunciadores dos grandes

poemas políticos e sociais que viriam a compor *Rosa do povo*. Nesse sentido, esses versos ainda guardam relação com aquele "meu coração não é maior que o mundo", do *Sentimento do mundo*. Mas em *José* é possível encontrar também outras linhas temáticas, como a da história familiar do poeta. Isso pode se dar num contexto paródico, como nestes versos do poema "Edifício Esplendor": "Oh que saudades não tenho / de minha casa paterna". Pode se dar ainda em outro nível, de recuperação crítica, como no poema "Viagem na família": "No deserto de Itabira / a sombra de meu pai / tomou-me pela mão", versos que introduzem o poema e dão início ao próprio percurso que neste se faz pelo universo familiar presidido pelo pai. Outro segmento temático presente em *José* é o da meditação sobre o próprio fazer poético (onde está o elemento de síntese, conforme observado por Antônio Cândido), consubstanciado de modo especial no já mencionado "O lutador". Essa temática fornecerá no livro seguinte, *A rosa do povo*, pelo menos outros dois grandes poemas em que o fazer poético é objeto de consideração — "Consideração do poema" e "Procura da poesia".

No livro *Novos poemas,* chama de imediato a atenção o caráter de certa forma neutro do título, sobretudo ao se levar em conta que ele se segue a um título carregado de significação como *Rosa do povo,* vindo ainda a ser seguido por outro título também marcante, *Claro enigma*. Seria possível ler esse título seja como uma denominação simples e objetiva para mais um conjunto de poemas, seja como a indicação de que se trata de poemas que apresentam peculiaridade em relação à produção anterior. De qualquer modo, não se deve esquecer que o primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, já trazia essa marca de indistinção no título, com isso acentuando uma intenção bem firme

de se contrapor a uma poesia de excessos. No caso de *Novos poemas*, talvez a leitura do título deva se encaminhar para um sentido próximo deste. Para essa tendência pode pesar a informação já referida sobre o título abandonado, "Suplemento 1946". Como o livro não foi publicado inicialmente de forma autônoma, mas dentro de um conjunto de obra completa, esse título realçaria a relação do conjunto com o trabalho anterior, pelo menos o imediatamente anterior. Ao repensar a condição do título e modificá-lo, o poeta deixa pistas para a leitura dessa relação de afastamento/aproximação entre os poemas dos diferentes livros. Assim, encontram-se nos *Novos poemas* textos como "Desaparecimento de Luísa Porto", que dá continuidade à linha dos poemas narrativos; "Notícias de Espanha" e "A Federico García Lorca", em que ainda se fazem presentes as preocupações com o "mundo, vasto mundo"; e um soneto como "Jardim", claro prenúncio dos sonetos de *Claro enigma*.

Em *Fazendeiro do ar,* não se tem a situação de um livro como *Novos poemas*, situado entre dois livros especialmente fortes além de bem mais extensos, de modo que a própria identidade desse livro de menor extensão nem sempre fica muito nítida. No entanto, dentro dessa linha de aproximação/afastamento entre os livros, não há como deixar de perceber a sucessão de magistrais sonetos presentes em *Fazendeiro do ar* e que dão continuidade àqueles de *Claro enigma*. O próprio título do livro, no entanto, guarda traços que se podem associar ao percurso do poeta, na medida em que é possível ler em "fazendeiro" resquícios da história familiar presente ao longo da obra drummondiana, assim como em "do ar" se lerá referência à rarefação das coisas da existência no "mundo desintegrado" que cada vez mais se torna objeto dessa poesia. Assim, é significativo que nesse livro se en-

contre um poema como "Elegia", essa longa meditação de caráter melancólico, a começar pela ambigüidade do verso inicial — "guardei (perdi)". Nesse intercâmbio entre as perdas que se passam por ganhos, o poeta constata que nasceu "votado à perda". A desilusão, ainda que permeada de ambivalência, atinge tanto seu grande objeto, o amor, quanto mesmo o meio de que se vale, pois "já não sei se é jogo, ou se poesia".

Esta última referência permite lembrar que em *Fazendeiro do ar* se apresenta insistente a reflexão sobre a poesia. De modo diferente de outros momentos, aqui ela não é objeto exclusivo de certos poemas, mas está presente de modo persistente em diversos poemas, de diferentes maneiras. Assim, já está no título "Canto órfico"; em "No exemplar de um velho livro", com a referência ao segundo livro de Carlos Drummond de Andrade ("Neste brejo das almas / o que havia de inquieto / por sob as águas calmas"); em "Brinde no banquete das musas" ("poesia, marulho e náusea"); em "Conclusão" ("os impactos de amor não são poesia"); em "Viagem de Américo Facó" ("Sombra mantuana, o poeta se encaminha"); em "Circulação do poeta" ("uma negrinha em flor, um verso hermético"); em "Conhecimento de Jorge de Lima" ("poesia antes da luz e depois dela") e em outros mais.

A situação de cada um dos três livros aqui reunidos em suas relações com os livros que lhes são próximos poderia ser encarada como uma forma de submeter a importância de cada um deles a essas relações. No entanto, essa situação pode ser encarada em outra perspectiva, mais positiva. Essas relações mostram na verdade uma série de interligações, como temas retomados com modificações ou como explorações, ao longo do tempo, de certas constantes construtivas. A aproximação desses três livros não

imediatamente sucessivos, com suas diferenciações e similitudes ora maiores, ora menores, permite justamente salientar um aspecto da dimensão altamente elaborada dessa poesia. Permite perceber como essa elaboração não se dá apenas no nível dos poemas, mas também, de forma rigorosa, nos planos mais amplos — não só a organização de cada um dos livros, mas também o processo de sua seqüência, ou seja, a planificação de como eles se sucedem e se articulam.

Júlio Castañon Guimarães

NOVOS POEMAS

CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

DESAPARECIMENTO DE LUÍSA PORTO

Pede-se a quem souber
do paradeiro de Luísa Porto
avise sua residência
à Rua Santos Óleos, 48.
Previna urgente
solitária mãe enferma
entrevada há longos anos
erma de seus cuidados.

Pede-se a quem avistar
Luísa Porto, de 37 anos,
que apareça, que escreva, que mande dizer
onde está.
Suplica-se ao repórter-amador,
ao caixeiro, ao mata-mosquitos, ao transeunte,
a qualquer do povo e da classe média,
até mesmo aos senhores ricos,
que tenham pena de mãe aflita
e lhe restituam a filha volatilizada
ou pelo menos dêem informações.
É alta, magra,
morena, rosto penugento, dentes alvos,
sinal de nascença junto ao olho esquerdo,
levemente estrábica.
Vestidinho simples. Óculos.
Sumida há três meses.
Mãe entrevada chamando.

Roga-se ao povo caritativo desta cidade
que tome em consideração um caso de família
digno de simpatia especial.
Luísa é de bom gênio, correta,
meiga, trabalhadora, religiosa.
Foi fazer compras na feira da praça.
Não voltou.

Levava pouco dinheiro na bolsa.
(Procurem Luísa.)
De ordinário não se demorava.
(Procurem Luísa.)
Namorado isso não tinha.
(Procurem. Procurem.)
Faz tanta falta.

Se, todavia, não a encontrarem
nem por isso deixem de procurar
com obstinação e confiança que Deus sempre recompensa
e talvez encontrem.
Mãe, viúva pobre, não perde a esperança.
Luísa ia pouco à cidade
e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.
Sua melhor amiga, depois da mãe enferma,
é Rita Santana, costureira, moça desimpedida,
a qual não dá notícia nenhuma,
limitando-se a responder: Não sei.
O que não deixa de ser esquisito.

Somem tantas pessoas anualmente
numa cidade como o Rio de Janeiro

que talvez Luísa Porto jamais seja encontrada.
Uma vez, em 1898
ou 9,
sumiu o próprio chefe de polícia
que saíra à tarde para uma volta no Largo do Rocio
e até hoje.
A mãe de Luísa, então jovem,
leu no *Diário Mercantil*,
ficou pasma.
O jornal embrulhado na memória.

Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez,
a pobreza, a paralisia, o queixume
seriam, na vida, seu lote
e que sua única filha, afável posto que estrábica,
se diluiria sem explicação.

Pela última vez e em nome de Deus
todo-poderoso e cheio de misericórdia
procurem a moça, procurem
essa que se chama Luísa Porto
e é sem namorado.
Esqueçam a luta política,
ponham de lado preocupações comerciais,
percam um pouco de tempo indagando,
inquirindo, remexendo.
Não se arrependerão. Não
há gratificação maior do que o sorriso
de mãe em festa
e a paz íntima

conseqüente às boas e desinteressadas ações,
puro orvalho da alma.

Não me venham dizer que Luísa suicidou-se.
O santo lume da fé
ardeu sempre em sua alma
que pertence a Deus e a Teresinha do Menino Jesus.
Ela não se matou.
Procurem-na.
Tampouco foi vítima de desastre
que a polícia ignora
e os jornais não deram.
Está viva para consolo de uma entrevada
e triunfo geral do amor materno
filial
e do próximo.

Nada de insinuações quanto à moça casta
e que não tinha, não tinha namorado.
Algo de extraordinário terá acontecido,
terremoto, chegada de rei,
as ruas mudaram de rumo,
para que demore tanto, é noite.
Mas há de voltar, espontânea
ou trazida por mão benigna,
o olhar desviado e terno,
canção.

A qualquer hora do dia ou da noite
quem a encontrar avise a Rua Santos Óleos.
Não tem telefone.

Tem uma empregada velha que apanha o recado
e tomará providências.

Mas
se acharem que a sorte dos povos é mais importante
e que não devemos atentar nas dores individuais,
se fecharem ouvidos a este apelo de campainha,
não faz mal, insultem a mãe de Luísa,
virem a página:
Deus terá compaixão da abandonada e da ausente,
erguerá a enferma, e os membros perclusos
já se desatam em forma de busca.
Deus lhe dirá:
Vai,
procura tua filha, beija-a e fecha-a para sempre em teu coração.

Ou talvez não seja preciso esse favor divino.
A mãe de Luísa (somos pecadores)
sabe-se indigna de tamanha graça.
E resta a espera, que sempre é um dom.
Sim, os extraviados um dia regressam
ou nunca, ou pode ser, ou ontem.
E de pensar realizamos.
Quer apenas sua filhinha
que numa tarde remota de Cachoeiro
acabou de nascer e cheira a leite,
a cólica, a lágrima.
Já não interessa a descrição do corpo
nem esta, perdoem, fotografia,
disfarces de realidade mais intensa
e que anúncio algum proverá.

Cessem pesquisas, rádios, calai-vos.
Calma de flores abrindo
no canteiro azul
onde desabrocham seios e uma forma de virgem
intata nos tempos.
E de sentir compreendemos.
Já não adianta procurar
minha querida filha Luísa
que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo
com inúteis pés fixados, enquanto sofro
e sofrendo me solto e me recomponho
e torno a viver e ando,
está inerte
cravada no centro da estrela invisível
Amor.

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Aos navios que regressam
marcados de negra viagem,
aos homens que neles voltam
com cicatrizes no corpo
ou de corpo mutilado,

peço notícias de Espanha.

Às caixas de ferro e vidro,
às ricas mercadorias,
ao cheiro de mofo e peixe,
às pranchas sempre varridas
de uma água sempre irritada,

peço notícias de Espanha.

Às gaivotas que deixaram
pelo ar um risco de gula,
ao sal e ao rumor das conchas,
à espuma fervendo fria,
aos mil objetos do mar,

peço notícias de Espanha.

Ninguém as dá. O silêncio
sobe mil braças e fecha-se
entre as substâncias mais duras.

Hirto silêncio de muro,
de pano abafando boca,

de pedra esmagando ramos,
é seco e sujo silêncio
em que se escuta vazar
como no fundo da mina
um caldo grosso e vermelho.

Não há notícias de Espanha.

Ah, se eu tivesse navio!
Ah, se eu soubesse voar!
Mas tenho apenas meu canto,
e que vale um canto? O poeta,
imóvel dentro do verso,

cansado de vã pergunta,
farto de contemplação,
quisera fazer do poema
não uma flor: uma bomba
e com essa bomba romper

o muro que envolve Espanha.

A FEDERICO GARCÍA LORCA

Sobre teu corpo, que há dez anos
se vem transfundindo em cravos
de rubra cor espanhola,
aqui estou para depositar
vergonha e lágrimas.

Vergonha de há tanto tempo
viveres — se morte é vida —
sob chão onde esporas tinem
e calcam a mais fina grama
e o pensamento mais fino
de amor, de justiça e paz.

Lágrimas de noturno orvalho,
não de mágoa desiludida,
lágrimas que tão-só destilam
desejo e ânsia e certeza
de que o dia amanhecerá.

(Amanhecerá.)

Esse claro dia espanhol,
composto na treva de hoje
sobre teu túmulo há de abrir-se,
mostrando gloriosamente
— ao canto multiplicado
de guitarra, gitano e galo —
que para sempre viverão

os poetas martirizados.

PEQUENO MISTÉRIO POLICIAL
ou
A MORTE PELA GRAMÁTICA

Não amando mais escolher
entre mil serôdios programas,
e posto entre o tédio e o dever,
sabendo a ironia das camas

e tudo que — irrisão — é vômito
sobre a rosa do amanhecer,
igualdade no ser, não-ser,
covardia de peito indômito,

mas possuidor de um atro armário
(para o que viesse a acontecer)
onde cartas, botas, o anuário
das puras modas de dizer

e uma faca pernambucana
se compensavam sem saber,
eis que mergulha no nirvana:
mas o aço, intato! Que fazer?

JARDIM

Negro jardim onde violas soam
e o mal da vida em ecos se dispersa:
à toa uma canção envolve os ramos,
como a estátua indecisa se reflete

no lago há longos anos habitado
por peixes, não, matéria putrescível,
mas por pálidas contas de colares
que alguém vai desatando, olhos vazados

e mãos oferecidas e mecânicas,
de um vegetal segredo enfeitiçadas,
enquanto outras visões se delineiam

e logo se enovelam: mascarada,
que sei de sua essência (ou não a tem),
jardim apenas, pétalas, presságio.

CANTO ESPONJOSO

Bela
esta manhã sem carência de mito,
e mel sorvido sem blasfêmia.

Bela
esta manhã ou outra possível,
esta vida ou outra invenção,
sem, na sombra, fantasmas.

Umidade de areia adere ao pé.
Engulo o mar, que me engole.
Valvas, curvos pensamentos, matizes da luz
azul
        completa
sobre formas constituídas.

Bela
a passagem do corpo, sua fusão
no corpo geral do mundo.

Vontade de cantar. Mas tão absoluta
que me calo, repleto.

COMPOSIÇÃO

E é sempre a chuva
nos desertos sem guarda-chuva,
algo que escorre, peixe dúbio,
e a cicatriz, percebe-se, no muro nu.

E são dissolvidos fragmentos de estuque
e o pó das demolições de tudo
que atravanca o disforme país futuro.
Débil, nas ramas, o socorro do imbu.
Pinga, no desarvorado campo nu.

Onde vivemos é água. O sono, úmido,
em urnas desoladas. Já se entornam,
fungidas, na corrente, as coisas caras
que eram pura delícia, hoje carvão.

O mais é barro, sem esperança de escultura.

ALIANÇA

A Paulo Rónai

Deitado no chão. Estátua,
mesmo enrodilhada, viaja
ou dorme, enquanto componho
o que já de si repele
arte de composição.
O pé avança, encontrando
a tepidez do seu corpo
que está ausente e presente,
consciente do que pressão
vale em ternura. Mas viaja
imóvel. Enquanto prossigo
tecendo fios de nada,
moldando potes de pura
água, loucas estruturas
do vago mais vago, vago.
Oh que duro, duro, duro
ofício de se exprimir!
Já desisto de lavrar
este país inconcluso,
de rios informulados
e geografia perplexa.
Já soluço, já blasfemo
e já irado me levanto,
ele comigo. De um salto,
decapitando seu sonho,
eis que me segue. Percorro
a passos largos, estreito

jardim de formiga e de hera.
E nada me segue de
quanto venho reduzindo
sem se deixar reduzir.
O homem, feixe de sombra,
desejaria pactuar
com a menor claridade.
Em vão. Não há sol. Que importa?
Segue-me, cego. Os dois vamos
rumo de Lugar Algum,
onde, afinal: encontrar!
A dileta circunstância
de um achado não-perdido,
visão de graça fortuita
e ciência não-ensinada,
achei, achamos. Já volto
e de uma bolsa invisível
vou tirando uma cidade,
uma flor, uma experiência,
um colóquio de guerreiros,
uma relação humana,
uma negação da morte,
vou arrumando esses bens
em preto na face branca.
De novo a meus pés. Estátua.
Baixa os olhos. Mal respira.
O sonho, colo cortado,
se recompõe. Aqui estou,
diz-lhe o sonho; que fazias?
Não sei, responde-lhe; apenas
fui ao capricho deste homem.

Negócios de homem: por que
assim os fazes tão teus?
Que sei, murmura-lhe. E é tudo.
Sono de agulha o penetra,
separando-nos os dois.
Mas se...

ESTÂNCIAS

Amor? Amar? Vozes que ouvi, já não me lembra
onde: talvez entre grades solenes, num
calcinado e pungitivo lugar que regamos de fúria,
êxtase, adoração, temor. Talvez no mínimo
território acuado entre a espuma e o gnaisse, onde respira,
— mas que assustada! uma criança apenas. E que presságios
de seus cabelos se desenrolam! Sim, ouvi de amor, em hora
infinda, se bem que sepultada na mais rangente areia
que os pés pisam, pisam, e por sua vez — é lei — desaparecem.
E ouvi de amar, como de um dom a poucos ofertado; ou de um
[crime.

De novo essas vozes, peço-te: Esconde-as em tom sóbrio,
ou senão, grita-as à face dos homens; desata os petrificados; atur-
[de
os caules no ato de crescer; repete: amor, amar.
O ar se crispa, de ouvi-las; e para além do tempo ressoam, remos
de ouro batendo a água transfigurada; correntes
tombam. Em nós ressurge o antigo; o novo; o que de nada
extrai forma de vida; e não de confiança, de desassossego se
[nutre.
Eis que a posse abolida na de hoje se reflete, e confundem-se,
e quantos desse mal um dia (estão mortos) soluçaram,
habitam nosso corpo reunido e soluçam conosco.

O ARCO

Que quer o anjo? chamá-la.
Que quer a alma? perder-se.
Perder-se em rudes guianas
para jamais encontrar-se.

Que quer a voz? encantá-lo.
Que quer o ouvido? embeber-se
de gritos blasfematórios
até quedar aturdido.

Que quer a nuvem? raptá-lo.
Que quer o corpo? solver-se,
delir memória de vida
e quanto seja memória.

Que quer a paixão? detê-lo.
Que quer o peito? fechar-se
contra os poderes do mundo
para na treva fundir-se.

Que quer a canção? erguer-se
em arco sobre os abismos.
Que quer o homem? salvar-se,
ao prêmio de uma canção.

O ENIGMA

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas deambulantes, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras — para sempre — no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria — desmesurada, por sua vez — aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifrarem a si próprios. Carecem de argúcia alheia, que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectação.

Ai! de que serve a inteligência — lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la.

Ai! de que serve a sensibilidade — choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom de misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas.

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

FAZENDEIRO DO AR

HABILITAÇÃO PARA A NOITE

Vai-me a vista assim baixando
ou a terra perde o lume?
Dos cem prismas de uma jóia,
quantos há que não presumo.

Entre perfumes rastreio
esse bafo de cozinha.
Outra noite vem descendo
com seu bico de rapina.

E não quero ser dobrado
nem por astros nem por deuses,
polícia estrita do nada.

Quero de mim a sentença
como, até o fim, o desgaste
de suportar o meu rosto.

NO EXEMPLAR DE UM VELHO LIVRO

Neste brejo das almas
o que havia de inquieto
por sob as águas calmas!

Era um susto secreto,
eram furtivas palmas
batendo, louco inseto,

era um desejo obscuro
de modelar o vento,
eram setas no muro

e um grave sentimento
que hoje, varão maduro,
não punge, e me atormento.

BRINDE NO BANQUETE DAS MUSAS

Poesia, marulho e náusea,
poesia, canção suicida,
poesia, que recomeças
de outro mundo, noutra vida.

Deixaste-nos mais famintos,
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
a mosca deglute a aranha.

Poesia, sobre os princípios
e os vagos dons do universo:
em teu regaço incestuoso,
o belo câncer do verso.

Azul, em chama, o telúrio
reintegra a essência do poeta,
e o que é perdido se salva...
Poesia, morte secreta.

DOMICÍLIO

... O apartamento abria
janelas para o mundo. Crianças vinham
colher na maresia essas notícias
da vida por viver ou da inconsciente

saudade de nós mesmos. A pobreza
da terra era maior entre os metais
que a rua misturava a feios corpos,
duvidosos, na pressa. E do terraço

em solitude os ecos refluíam
e cada exílio em muitos se tornava
e outra cidade fora da cidade

na garra de um anzol ia subindo,
adunca pescaria, mal difuso,
problema de existir, amor sem uso.

O QUARTO EM DESORDEM

Na curva perigosa dos cinqüenta
derrapei neste amor. Que dor! que pétala
sensível e secreta me atormenta
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,
na quinta-essência da palavra, e mudo
de natural silêncio já não cabe
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui
nesse objeto mais vago do que nuvem
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,
e esse cavalo solto pela cama,
a passear o peito de quem ama.

RETORNO

Meu ser em mim palpita como fora
do chumbo da atmosfera constritora.
Meu ser palpita em mim tal qual se fora
a mesma hora de abril, tornada agora.

Que face antiga já se não descora
lendo a efígie do corvo na da aurora?
Que aura mansa e feliz dança e redoura
meu existir, de morte imorredoura?

Sou eu nos meus vinte anos de lavoura
de sucos agressivos, que elabora
uma alquimia severa, a cada hora.

Sou eu ardendo em mim, sou eu embora
não me conheça mais na minha flora
que, fauna, me devora quanto é pura.

CONCLUSÃO

Os impactos de amor não são poesia
(tentaram ser: aspiração noturna).
A memória infantil e o outono pobre
vazam no verso de nossa urna diurna.

Que é poesia, o belo? Não é poesia,
e o que não é poesia não tem fala.
Nem o mistério em si nem velhos nomes
poesia são: coxa, fúria, cabala.

Então, desanimamos. Adeus, tudo!
A mala pronta, o corpo desprendido,
resta a alegria de estar só, e mudo.

De que se formam nossos poemas? Onde?
Que sonho envenenado lhes responde,
se o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens?

A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Um minuto, um minuto de esperança,
e depois tudo acaba. E toda crença
em ossos já se esvai. Só resta a mansa
decisão entre morte e indiferença.

Um minuto, não mais, que o tempo cansa,
e sofisma de amor não há que vença
este espinho, esta agulha, fina lança
a nos escavacar na praia imensa.

Mais um minuto só, e chega tarde.
Mais um pouco de ti, que não te dobras,
e que eu me empurre a mim, que sou covarde.

Um minuto, e acabou. Relógio solto,
indistinta visão em céu revolto,
um minuto me baste, e a minhas obras.

VIAGEM DE AMÉRICO FACÓ

Sombra mantuana, o poeta se encaminha
ao inframundo deserto, onde a corola
noturna desenrola seu mistério
fatal mas transcendente: àqueles paços

tecidos de pavor e argila cândida,
onde o amor se completa, despojado
da cinza dos contatos. Desta margem,
diviso, que se esfuma, a esquiva barca,

e aceno-lhe: Gentil, gentil espírito,
sereno quanto forte, que me ensinas
a arte de bem morrer, fonte de vida,

uniste o raro ao raro, e compuseste
de humano desacorde, isento, puro,
teu cântico sensual, flauta e celeste.

CIRCULAÇÃO DO POETA

Nesta manhã de traço fino e ardente,
passei, caro Facó, por tua casa.
Inda estavas dormindo (ou já dormias)
o sono mais perfeito, mas vagavas

na safira em que os seres se deliam,
entre pardais bicando luz, e pombas,
nesse contentamento vaporoso
que a vida exala quando já cumprida.

Senti tua presença maliciosa,
transfundida na cor, no espaço livre,
nos corpos nus que a praia convidava.

Não sabiam de ti, que eras um deles,
e levavam consigo, dom secreto,
uma negrinha em flor, um verso hermético.

CONHECIMENTO DE JORGE DE LIMA

Era a negra Fulô que nos chamava
de seu negro vergel. E eram trombetas,
salmos, carros de fogo, esses murmúrios
de Deus a seus eleitos, eram puras

canções de lavadeira ao pé da fonte,
era a fonte em si mesma, eram nostálgicas
emanações de infância e de futuro,
era um ai português desfeito em cana.

Era um fluir de essências e eram formas
além da cor terrestre e em volta ao homem,
era a invenção do amor no tempo atômico,

o consultório mítico e lunar
(poesia antes da luz e depois dela),
era Jorge de Lima e eram seus anjos.

O ENTERRADO VIVO

É sempre no passado aquele orgasmo,
é sempre no presente aquele duplo,
é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
É sempre no meu tédio aquele aceno.
É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
Sempre na minha firma a antiga fúria.
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
É sempre nos meus lábios a estampilha.
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
Sempre dentro de mim meu inimigo.
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

CEMITÉRIOS

I – GABRIEL SOARES

O corpo enterrem-me em São Bento
na capela-mor com um letreiro que diga
Aqui jaz um pecador
Se eu morrer na Espanha ou no mar
mesmo assim lá estará minha campa
e meu letreiro
Não dobrem sinos por mim
e se façam apenas os sinais
por um pobre quando morre

II – CAMPO-MAIOR

No Cemitério de Batalhão os mortos do Jenipapo não sofrem chuva nem sol; o telheiro os protege, asa imóvel na ruína campeira.

III – DOMÉSTICO

O cão enterrado no quintal
Todas as memórias sepultadas nos ossos
A casa muda de dono
A casa — olha — foi destruída
A 30 metros no ar a guria vê a gravura de um cão

Que é isso mãezinha
e a mãe responde
Era um bicho daquele tempo
Ah que fabuloso

IV – DE BOLSO

Do lado esquerdo carrego meus mortos.
Por isso caminho um pouco de banda.

V – ERRANTE

Urna
que minha tia carregou pelo Brasil
com as cinzas de seu amor tornado incorruptível
misturado ao vestido preto, à saia branca, à boca morena
urna de cristal urna de silhão urna praieira urna oitocentista
urna molhada de lágrimas grossas e de chuva na estrada
urna bruta esculpida em paixão de andrade sem paz e sem re-
[missão
vinte anos viajeira
urna urna urna
como um grito na pele da noite um lamento de bicho
talvez entretanto azul e com florinhas
urna a que me recolho para dormir enrodilhado
urna eu mesmo de minhas cinzas particulares.

MORTE DE NECO ANDRADE

QUANDO MATARAM Neco Andrade, não pude sentir bastante emoção porque tinha de representar no teatrinho de amadores, e essa responsabilidade comprimia tudo.

A faca relumiou no campo — assim a vislumbrei, ao circular a notícia — e Neco, retorcendo-se, tombou do cavalo, e o assassino se curva para verificar a morte, e a tarde se enovela em vapores escuros e desce a umidade.

Caminhei para o palco temeroso de não lembrar a frase longa e difícil que me cabia proferir. O mau amador vive roído de dúvidas. Receava a desaprovação do auditório, e sua prévia reflexão em mim já frustrava o gesto, já tolhia a produção do mais autêntico.

O CAVALO erra alguns instantes na planície, dedicação sem alvo. O assassino pondera o entardecer. E vela os despojos, enquanto mede as possibilidades de fuga. Evêm aí os soldados, atraídos pelo vento, pelo grito final do Andrade, pela secreta abdicação do criminoso, que, na medula, se sabe perdido. Não podemos matar nosso patrão; de ventre vazado, ele se vinga.

O cadáver de Neco atravessa canhestramente o segundo ato, da esquerda para a direita, volta, hesita, sai, instala-se nos bastidores embaixo da escada. As deixas perdem-se, o diálogo atropela-se. Neco está se esvaindo em silêncio e eu, seu primo, não sei socorrê-lo.

O ASSASSINO chega preso, a multidão acode à cadeia, todos o contemplam a um metro, nem isso, de distância. Joana roça-lhe a manga do paletó, sujo de terra. Está sentado, mudo. Na casa de Neco, em frente à ponte, luzes se armam em velório, e a escada é toda sonora de botas e botinas rinchando.

Agora o palco ficou vazio para caber a forma baia e ondulante que progride, esmagando palavras. Da montaria de Neco pendem as caçambas de Neco. Vai pisar em mim. Afastou-se, no trote deserto.

SERIA REMORSO por me consagrar ao espetáculo quando já o sabia morto? Não, que o espetáculo é grande, e seduzia para além da ordem moral. E nossos ramos de família nem se davam. Pena de perdê-lo, nutrida de alguma velha lembrança particular, que floresce mesmo entre clãs adversários? Pena comum, que toda morte violenta faz germinar? Nem isso. Mas o ventre vazado, como se fosse eu que o vazasse, eu menino, desarmado. Intestinos de Neco, emaranhados, insolentes, à vista de estranhos. Vede o interior de um homem, a sede da cólera; aqui os prazeres criaram raiz, e o que é obscuro em nosso olhar encontra explicação.

E TUDO se desvenda: sou responsável pela morte de Neco e pelo crime de Augusto, pelo cavalo que foge e pelo coro de viúvas pranteando. Não posso representar mais; por todo o sempre e antes do nunca sou responsável, responsável, responsável, responsável. Como as pedras são responsáveis, e os anjos, principalmente os anjos, são responsáveis.

ESTRAMBOTE MELANCÓLICO

Tenho saudade de mim mesmo,
saudade sob aparência de remorso,
de tanto que não fui, a sós, a esmo,
e de minha alta ausência em meu redor.
Tenho horror, tenho pena de mim mesmo
e tenho muitos outros sentimentos
violentos. Mas se esquivam no inventário,
e meu amor é triste como é vário,
e sendo vário é um só. Tenho carinho
por toda perda minha na corrente
que de mortos a vivos me carreia
e a mortos restitui o que era deles
mas em mim se guardava. A estrela-d'alva
penetra longamente seu espinho

(e cinco espinhos são) na minha mão.

ETERNO

E como ficou chato ser moderno.
Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!
O Padre Eterno,
a vida eterna,
o fogo eterno.

(*Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.*)

— *O que é eterno, Yayá Lindinha?*
— *Ingrato! é o amor que te tenho.*

Eternalidade eternite eternaltivamente
eternuávamos
eternissíssimo
A cada instante se criam novas categorias do eterno.

Eterna é a flor que se fana
se soube florir
é o menino recém-nascido
antes que lhe dêem nome
e lhe comuniquem o sentimento do efêmero
é o gesto de enlaçar e beijar
na visita do amor às almas
eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo
mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força
[o resgata

é minha mãe em mim que a estou pensando
de tanto que a perdi de não pensá-la
é o que se pensa em nós se estamos loucos
é tudo que passou, porque passou
é tudo que não passa, pois não houve
eternas as palavras, eternos os pensamentos; e passageiras as
[obras.
Eterno, mas até quando? é esse marulho em nós de um mar
[profundo.
Naufragamos sem praia; e na solidão dos botos afundamos.
É tentação e vertigem; e também a pirueta dos ébrios.

Eternos! Eternos, miseravelmente.
O relógio no pulso é nosso confidente.

Mas eu não quero ser senão eterno.
Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma essên-
[cia
ou nem isso.
E que eu desapareça mas fique este chão varrido onde passou
[uma sombra
e que não fique o chão nem fique a sombra
mas que a precisão urgente de ser eterno bóie como uma es-
[ponja no caos
e entre oceanos de nada
gere um ritmo.

ESCADA

Na curva desta escada nos amamos,
nesta curva barroca nos perdemos.
O caprichoso esquema
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te, carne? Um arrepio telepático
vibrou nos bens municipais, e dando volta
ao melhor de nós mesmos,
deixou-nos sós, a esmo,
espetacularmente sós e desarmados,
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos
de toda comunhão no século (esta espira
é testemunha, e conta), que restava
das línguas infinitas
que falávamos ou surdas se lambiam
no céu da boca sempre azul e oco?

Que restava de nós,
neste jardim ou nos arquivos, que restava
de nós, mas que restava, que restava?
Ai, nada mais restara,
que tudo mais, na alva,
se perdia, e contagiando o canto aos passarinhos,
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando
que amor fizera um novo testamento,

e suas prendas jaziam sem herdeiros
num pátio branco e áureo de laranjas.

Aqui se esgota o orvalho,
e de lembrar não há lembrança. Entrelaçados,
insistíamos em ser; mas nosso espectro,
submarino, à flor do tempo ia apontando,
e já noturnos, rotos, desossados,
nosso abraço doía
para além da matéria esparsa em números.

Asa que ofereceste o pouso raro
e dançarino e rotativo, cálculo,
rosa grimpante e fina
que à terra nos prendias e furtavas,
enquanto a reta insigne
da torre ia lavrando
no campo desfolhado outras quimeras:
sem ti não somos mais o que antes éramos.

E se este lugar de exílio hoje passeia
faminta imaginação atada aos corvos
de sua própria ceva,
escada, ó assunção,
ao céu alças em vão o alvo pescoço,
que outros peitos em ti se beijariam
sem sombra, e fugitivos,
mas nosso beijo e baba se incorporam
de há muito ao teu cimento, num lamento.

ELEGIA

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
também chamada de noite, e o frio ao frio
em bruma se entrelaça, num suspiro.

E me pergunto e me respiro
na fuga deste dia que era mil
para mim que esperava,
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio.

Perdi minha alma à flor do dia ou já perdera
bem antes sua vaga pedraria?
Mas quando me perdi, se estou perdido
antes de haver nascido
e me nasci votado à perda
de frutos que não tenho nem colhia?

Gastei meu dia. Nele me perdi.
De tantas perdas uma clara via
por certo se abriria
de mim a mim, estela fria.
As árvores lá fora se meditam.
O inverno é quente em mim, que o estou berçando,
e em mim vai derretendo
este torrão de sal que está chorando.

Ah, chega de lamento e versos ditos
ao ouvido de alguém sem rosto e sem justiça,
ao ouvido do muro,
ao liso ouvido gotejante
de uma piscina que não sabe o tempo, e fia
seu tapete de água, distraída.

E vou me recolher
ao cofre de fantasmas, que a notícia
de perdidos lá não chegue nem açule
os olhos policiais do amor-vigia.
Não me procurem que me perdi eu mesmo
como os homens se matam, e as enguias
à loca se recolhem, na água fria.

Dia,
espelho de projeto não vivido,
e contudo viver era tão flamas
na promessa dos deuses; e é tão ríspido
em meio aos oratórios já vazios
em que a alma barroca tenta confortar-se
mas só vislumbra o frio noutro frio.

Meu Deus, essência estranha
ao vaso que me sinto, ou forma vã,
pois que, eu essência, não habito
vossa arquitetura imerecida;
meu Deus e meu conflito,
nem vos dou conta de mim nem desafio
as garras inefáveis: eis que assisto
a meu desmonte palmo a palmo e não me aflijo

de me tornar planície em que já pisam
servos e bois e militares em serviço
da sombra, e uma criança
que o tempo novo me anuncia e nega.

Terra a que me inclino sob o frio
de minha testa que se alonga,
e sinto mais presente quanto aspiro
em ti o fumo antigo dos parentes,
minha terra, me tens; e teu cativo
passeias brandamente
como ao que vai morrer se estende a vista
de espaços luminosos, intocáveis:
em mim o que resiste são teus poros.
Corto o frio da folha. Sou teu frio.

E sou meu próprio frio que me fecho
longe do amor desabitado e líquido,
amor em que me amaram, me feriram
sete vezes por dia em sete dias
de sete vidas de ouro,
amor, fonte de eterno frio,
minha pena deserta, ao fim de março,
amor, quem contaria?
E já não sei se é jogo, ou se poesia.

CANTO ÓRFICO

A dança já não soa,
a música deixou de ser palavra,
o cântico se alongou do movimento.
Orfeu, dividido, anda à procura
dessa unidade áurea, que perdemos.

Mundo desintegrado, tua essência
paira talvez na luz, mas neutra aos olhos
desaprendidos de ver; e sob a pele,
que turva imporosidade nos limita?
De ti a ti, abismo; e nele, os ecos
de uma prístina ciência, agora exangue.

Nem tua cifra sabemos; nem captá-la
dera poder de penetrar-te. Erra o mistério
em torno de seu núcleo. E restam poucos
encantamentos válidos. Talvez
um só e grave: tua ausência
ainda retumba em nós, e estremecemos,
que uma perda se forma desses ganhos.

Tua medida, o silêncio a cinge e quase a insculpe,
braços do não-saber. Ó fabuloso
mudo paralítico surdo nato incógnito
na raiz da manhã que tarda, e tarde,
quando a linha do céu em nós se esfuma,
tornando-nos estrangeiros mais que estranhos.

No duelo das horas tua imagem
atravessa membranas sem que a sorte
se decida a escolher. As artes pétreas
recolhem-se a seus tardos movimentos.
Em vão: elas não podem.
Amplo
vazio
um espaço estelar espreita os signos
que se farão doçura, convivência,
espanto de existir, e mão completa
caminhando surpresa noutro corpo.

A música se embala no possível,
no finito redondo, em que se crispa
uma agonia moderna. O canto é branco,
foge a si mesmo, vôos! palmas lentas
sobre o oceano estático: balanço
de anca terrestre, certa de morrer.

Orfeu, reúne-te! chama teus dispersos
e comovidos membros naturais,
e límpido reinaugura
o ritmo suficiente, que, nostálgico,
na nervura das folhas se limita,
quando não compõe no ar, que é todo frêmito,
uma espera de fustes, assombrada.

Orfeu, dá-nos teu número
de ouro, entre aparências
que vão do vão granito à linfa irônica.
Integra-nos, Orfeu, noutra mais densa

atmosfera do verso antes do canto,
do verso universo, latejante
no primeiro silêncio,
promessa de homem, contorno ainda improvável
de deuses a nascer, clara suspeita
de luz no céu sem pássaros,
vazio musical a ser povoado
pelo olhar da sibila, circunspecto.

Orfeu, que te chamamos, baixa ao tempo
e escuta:
só de ousar-se teu nome, já respira
a rosa trismegista, aberta ao mundo.

A LUIS MAURICIO, INFANTE

Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo,
se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo.

Despertando, Luis Mauricio, não chores mais que um tiquinho.
Se as crianças da América choram em coro, que seria, digamos,
[de teu vizinho?

Que seria de ti, Luis Mauricio, pranteando mais que o neces-
[sário?
Os olhos se inflamam depressa, e do mundo o espetáculo é vário

e pede ser visto e amado. É tão pouco, cinco sentidos.
Pois que sejam lépidos, Luis Mauricio, que sejam novos e como-
[vidos.

E como há tempo para viver, Luis Mauricio, podes gastá-lo à
[janela
que dá para a *Justicia del Trabajo*, onde a imaginosa linha da hera

tenazmente compõe seu desenho, recobrindo o que é feio, for-
[mal e triste.
Sucede que chegou a primavera, menino, e o muro já não existe.

Admito que amo nos vegetais a carga de silêncio, Luis Mauricio.
Mas há que tentar o diálogo, quando a solidão é vício.

E agora, começa a crescer. Em poucas semanas um homem
se manifesta na boca, nos rins, na medalhinha do nome.

Já te vejo na proporção da cidade, dessa caminha em que dor-
[mes.
Dir-se-ia que só o anão de Harrods, hoje velho, entre garotos
[enormes,

conserva o disfarce da infância, como, na sua imobilidade,
à esquina de Córdoba e Florida, só aquele velho pendido e sen-
[tado,

de luvas e sobretudo, vê passar (é cego) o tempo que não en-
[xergamos,
o tempo irreversível, o tempo estático, espaço vazio entre ramos.

O tempo — que fazer dele? Como adivinhar, Luis Mauricio,
o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?

Hás de aprender o tempo, Luis Mauricio. E há de ser tua ciência
uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência,

que ninguém suspeitará nada. E teu primeiro segredo
seja antes de alegria subterrânea que de soturno medo.

Aprenderás muitas leis, Luis Mauricio. Mas se as esqueceres de-
[pressa,
outras mais altas descobrirás, e é então que a vida começa,

e recomeça, e a todo instante é outra: tudo é distinto de tudo,
e anda o silêncio, e fala o nevoento horizonte; e sabe guiar-nos o
[mundo.

Pois a linguagem planta suas árvores no homem e quer vê-las
de folhas, de signos, de obscuros sentimentos, e avenidas desertas
[cobertas
são apenas as que vemos sem ver, há pelo menos formigas
atarefadas, e pedras felizes ao sol, e projetos de cantigas
que alguém um dia cantará, Luis Mauricio. Procura deslindar o
Ou antes, não procures. Ele se oferecerá sob forma de pranto
[canto.
ou de riso. E te acompanhará, Luis Mauricio. E as palavras serão
de estranha majestade. É tudo estranho. Medita, por exemplo, as
[servas
[ervas,
enquanto és pequeno e teu instinto, solerte, festivamente se
até o âmago das coisas. A que veio, que pode, quanto dura
[aventura
essa discreta forma verde, entre formas? E imagina ser pensado
pela erva que pensas. Imagina um elo, uma afeição surda, um
[passado
articulando os bichos e suas visões, o mundo e seus problemas;
imagina o rei com suas angústias, o pobre com seus diademas,
imagina uma ordem nova; ainda que uma nova desordem, não
[será bela?
Imagina tudo: o povo, com sua música; o passarinho, com sua
[donzela;

o namorado, com seu espelho mágico; a namorada, com seu
[mistério;
a casa, com seu calor próprio; a despedida, com seu rosto sério;

o físico, o viajante, o afiador de facas, o italiano das sortes e seu
[realejo;
o poeta, sempre meio complicado; o perfume nativo das coisas e
[seu arpejo;

o menino que é teu irmão, e sua estouvada ciência
de olhos líquidos e azuis, feita de maliciosa inocência,

que ora viaja enigmas extraordinários; por tua vez, a pesquisa
há de solicitar-te um dia, mensagem perturbadora na brisa.

É preciso criar de novo, Luis Mauricio. Reinventar nagôs e la-
[tinos,
e as mais severas inscrições, e quantos ensinamentos e os mo-
[delos mais finos,

de tal maneira a vida nos excede e temos de enfrentá-la com
[poderosos recursos.
Mas seja humilde tua valentia. Repara que há veludo nos ursos.

Inconformados e prisioneiros, em Palermo, eles procuram o ou-
[tro lado,
e na sua faminta inquietação algo se liberta da jaula e seu qua-
[drado.

Detém-te. A grande flor do hipopótamo brota da água — ne-
[núfar!

E dos dejetos do rinoceronte se alimentam os pássaros. E o
[açúcar

que dás na palma da mão à língua terna do cão adoça todos os
[animais.
Repara que autênticos, que fiéis a um estatuto sereno, e como
[são naturais.

É meio-dia, Luis Mauricio, hora belíssima entre todas,
pois, unindo e separando os crepúsculos, à sua luz se consumam
[as bodas

do vivo com o que já viveu ou vai viver, e a seu puríssimo raio
entre repuxos, os *chicos* e as *palomas* confraternizam na *Plaza de*
[*Mayo.*

Aqui me despeço e tenho por plenamente ensinado o teu ofi-
[cio,
que de ti mesmo e em púrpura o aprendeste ao nascer, meu ne-
[tinho Luis Mauricio.

JOSÉ

A BRUXA

A Emil Farhat

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,
que lêem verso de Horácio
mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
e a essa hora tardia
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.
Precisava de mulher
que entrasse nesse minuto,
recebesse este carinho,

salvasse do aniquilamento
um minuto e um carinho loucos
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,
quantas mulheres prováveis
interrogam-se no espelho
medindo o tempo perdido
até que venha a manhã
trazer leite, jornal e calma.
Porém a essa hora vazia
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!
Tenho tanta palavra meiga,
conheço vozes de bichos,
sei os beijos mais violentos,
viajei, briguei, aprendi.
Estou cercado de olhos,
de mãos, afetos, procuras.
Mas se tento comunicar-me,
o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!
Essa presença agitada
querendo romper a noite
não é simplesmente a bruxa.
É antes a confidência
exalando-se de um homem.

O BOI

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não têm sentido algum.

Ó solidão do boi no campo!
O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

PALAVRAS NO MAR

Escrita nas ondas
a palavra Encanto
balança os náufragos,
embala os suicidas.
Lá dentro, os navios
são algas e pedras
em total olvido.
Há também tesouros
que se derramaram
e cartas de amor
circulando frias
por entre medusas.
Verdes solidões,
merencórios prantos,
queixumes de outrora,
tudo passa rápido
e os peixes devoram
e a memória apaga
e somente um palor
de lua embruxada
fica pervagando
no mar condenado.
O último hipocampo
deixa-se prender
num receptáculo
de coral e lágrimas
— do Oceano Atlântico
ou de tua boca,

triste por acaso,
por demais amarga.

A palavra Encanto
recolhe-se ao livro,
entre mil palavras
inertes à espera.

EDIFÍCIO ESPLENDOR

I

Na areia da praia
Oscar risca o projeto.
Salta o edifício
da areia da praia.

No cimento, nem traço
da pena dos homens.
As famílias se fecham
em células estanques.

O elevador sem ternura
expele, absorve
num ranger monótono
substância humana.

Entretanto há muito
se acabaram os homens.
Ficaram apenas
tristes moradores.

II

A vida secreta da chave.
Os corpos se unem e
bruscamente se separam.

O copo de uísque e o *blue*
destilam ópios de emergência.
Há um retrato na parede,
um espinho no coração,
uma fruta sobre o piano
e um vento marítimo com cheiro de peixe, tristeza, viagens...

Era bom amar, desamar,
morder, uivar, desesperar,
era bom mentir e sofrer.
Que importa a chuva no mar?
a chuva no mundo? o fogo?
Os pés andando, que importa?
Os móveis riam, vinha a noite,
o mundo murchava e brotava
a cada espiral de abraço.

E vinha mesmo, sub-reptício,
em momentos de carne lassa,
certo remorso de Goiás.
Goiás, a extinta pureza...

O retrato cofiava o bigode.

III

Oh que saudades não tenho
de minha casa paterna.
Era lenta, calma, branca,
tinha vastos corredores

e nas suas trinta portas
trinta crioulas sorrindo
talvez nuas, não me lembro.

E tinha também fantasmas,
mortos sem extrema-unção,
anjos da guarda, bodoques
e grandes tachos de doce
e grandes cismas de amor,
como depois descobrimos.

Chora, retrato, chora.
Vai crescer a tua barba
neste medonho edifício
de onde surge tua infância
como um copo de veneno.

IV

As complicadas instalações do gás,
úteis para suicídio,
o terraço onde camisas tremem,
também convite à morte,
o pavor do caixão
em pé no elevador,
o estupendo banheiro
de mil cores árabes,
onde o corpo esmorece
na lascívia frouxa
da dissolução prévia.

Ah, o corpo, meu corpo,
que será do corpo?
Meu único corpo,
aquele que eu fiz
de leite, de ar,
de água, de carne,
que eu vesti de negro,
de branco, de bege,
cobri com chapéu,
calcei com borracha,
cerquei de defesas,
embalei, tratei?
Meu coitado corpo
tão desamparado
entre nuvens, ventos,
neste aéreo *living*!

V

Os tapetes envelheciam
pisados por outros pés.

Do cassino subiam músicas
e até o rumor de fichas.

Nas cortinas, de madrugada,
a brisa pousava. Doce.

A vida jogada fora
voltava pelas janelas.

Meu pai, meu avô, Alberto...
Todos os mortos presentes.

Já não acendem a luz
com suas mãos entrevadas.

Fumar ou beber: proibido.
Os mortos olham e calam-se.

O retrato descoloria-se,
era superfície neutra.

As dívidas amontoavam-se.
A chuva caiu vinte anos.

Surgiram costumes loucos
e mesmo outros sentimentos.

— Que século, meu Deus! Diziam os ratos.
E começavam a roer o edifício.

O LUTADOR

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo

de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafias,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,

é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,

ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

TRISTEZA NO CÉU

No céu também há uma hora melancólica.
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta
e se responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,
e plumas caem.

Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor
caem, são plumas.

Outra pluma, o céu se desfaz.
Tão manso, nenhum fragor denuncia
o momento entre tudo e nada,
ou seja, a tristeza de Deus.

RUA DO OLHAR

Entre tantas ruas
que passam no mundo,
a Rua do Olhar,
em Paris, me toca.

Imagino um olho
calmo, solitário,
a fitar os homens
que voltam cansados.

Olhar de perdão
para os desvarios,
de lento conselho
e cumplicidade.

Rua do Olhar:
as casas não contam,
nem contam as pedras,
caladas no chão.

Só conta esse olho
triste, na tarde,
percorrendo o corpo,
devassando a roupa...

A luz que se acende
não te ilumina.

O brilho sem brilho,
a vaga pestana

desse olho imóvel
oscilam nas coisas
(são apenas coisas
mas também respiram).

E pela noite abaixo
uma vida surda
embebe o silêncio,
como frio no ar.

Sinto que o drama
já não interessa.
Quem ama, quem luta,
quem bebe veneno?

Quem chora no escuro,
quem que se diverte
ou apenas fuma
ou apenas corre?

Uma rua — um olho
aberto em Paris
olha sobre o mar.
Na praia estou eu.

Vem, farol tímido,
dizer-nos que o mundo

de fato é restrito,
cabe num olhar.

Olhar de uma rua
a quem quer que passe.
Compreensão, amor
perdidos na bruma.

Que funda esperança
perfura o desgosto,
abre um longo túnel
e sorri na boca!

E sorri nas mãos,
no queixo, na rosa,
no menor dos bens
de ti, meu irmão!

OS ROSTOS IMÓVEIS

A Otto Maria Carpeaux

Pai morto, namorada morta.
Tia morta, irmão nascido morto.
Primos mortos, amigo morto.
Avô morto, mãe morta
(mãos brancas, retrato sempre inclinado na parede, grão de poei-
[ra nos olhos).
Conhecidos mortos, professora morta.

Inimigo morto.

Noiva morta, amigas mortas.
Chefe de trem morto, passageiro morto.
Irreconhecível corpo morto: será homem? Bicho?
Cão morto, passarinho morto.
Roseira morta, laranjeiras mortas.
Ar morto, enseada morta.
Esperança, paciência, olhos, sono, mover de mão: mortos.

Homem morto. Luzes acesas.
Trabalha à noite, como se fora vivo.

Bom dia! Está mais forte (como se fora vivo).

Morto sem notícia, morto secreto.
Sabe imitar fome, e como finge amor.

E como insiste em andar, e como anda bem.
Podia cortar casas, entra pela porta.

Sua mão pálida diz adeus à Rússia.
O tempo nele entra e sai sem conta.

Os mortos passam rápidos, já não há pegá-los.
Mal um se despede, outro te cutuca.
Acordei e vi a cidade:
eram mortos mecânicos,
eram casas de mortos,
ondas desfalecidas,
peito exausto cheirando a lírios,
pés amarrados.
Dormi e fui à cidade:
toda se queimava,
estalar de bambus,
boca seca, logo crispada.
Sonhei e volto à cidade.
Mas já não era a cidade.
Estavam todos mortos, o corregedor-geral verificava etiquetas
[nos cadáveres.
O próprio corregedor morrera há anos, mas sua mão continuava
[implacável.

O mau cheiro zumbia em tudo.

Desta varanda sem parapeito contemplo os dois crepúsculos.
Contemplo minha vida fugindo a passo de lobo, quero detê-la,
[serei mordido?
Olho meus pés, como cresceram, moscas entre eles circulam.

Olho tudo e faço a conta, nada sobrou, estou pobre, pobre, po-
[bre,

mas não posso entrar na roda,
não posso ficar sozinho,
a todos beijarei na testa,
flores úmidas esparzirei,
depois... não há depois nem antes.
Frio há por todos os lados,
e um frio central, mais branco ainda.

Mais frio ainda...
Uma brancura que paga bem nossas antigas cóleras e amargos...
Sentir-me tão claro entre vós, beijar-vos e nenhuma poeira em
[boca ou rosto.

Paz de finas árvores,
de montes fragílimos lá embaixo, de ribeiras tímidas, de gestos
[que já não podem mais irritar,
doce paz sem olhos, no escuro, no ar.
Doce paz em mim,
em minha família que veio de brumas sem corte de sol
e por estradas subterrâneas regressa às suas ilhas,
na minha rua, no meu tempo — afinal — conciliado,
na minha cidade natal, no meu quarto alugado,
na minha vida, na
vida de todos, na suave e profunda morte de
mim e de todos.

JOSÉ

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,

sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

NOTURNO OPRIMIDO

A água cai na caixa com uma força,
com uma dor! A casa não dorme, estupefata.
Os móveis continuam prisioneiros
de sua matéria pobre, mas a água parte-se,

a água protesta. Ela molha toda a noite
com sua queixa feroz, seu alarido.
E sobre nossos corpos se avoluma
o lago negro de não sei que infusão.

Mas não é o medo da morte do afogado,
o horror da água batendo nos espelhos,
indo até os cofres, os livros, as gargantas.
É o sentimento de uma coisa selvagem,

sinistra, irreparável, lamentosa.
Oh vamos nos precipitar no rio espesso
que derrubou a última parede
entre os sapatos, as cruzes e os peixes cegos do tempo.

A MÃO SUJA

Minha mão está suja.
Preciso cortá-la.
Não adianta lavar.
A água está podre.
Nem ensaboar.
O sabão é ruim.
A mão está suja,
suja há muitos anos.

A princípio oculta
no bolso da calça,
quem o saberia?
Gente me chamava
na ponta do gesto.
Eu seguia, duro.
A mão escondida
no corpo espalhava
seu escuro rastro.
E vi que era igual
usá-la ou guardá-la.
O nojo era um só.

Ai, quantas noites
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, escovei-a.
Cristal ou diamante,
por maior contraste,

quisera torná-la,
ou mesmo, por fim,
uma simples mão branca,
mão limpa de homem,
que se pode pegar
e levar à boca
ou prender à nossa
num desses momentos
em que dois se confessam
sem dizer palavra...
A mão incurável
abre dedos sujos.

E era um sujo vil,
não sujo de terra,
sujo de carvão
casca de ferida,
suor na camisa
de quem trabalhou.
Era um triste sujo
feito de doença
e de mortal desgosto
na pele enfarada.
Não era sujo preto
— o preto tão puro
numa coisa branca.
Era sujo pardo,
pardo, tardo, cardo.

Inútil reter
a ignóbil mão suja

posta sobre a mesa.
Depressa, cortá-la,
fazê-la em pedaços
e jogá-la ao mar!
Com o tempo, a esperança
e seus maquinismos,
outra mão virá
pura — transparente —
colar-se a meu braço.

VIAGEM NA FAMÍLIA

A Rodrigo M. F. de Andrade

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia.
Não era dia nem noite.
Suspiro? Vôo de pássaro?
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.
Aqui havia uma casa.
A montanha era maior.
Tantos mortos amontoados,
o tempo roendo os mortos.
E nas casas em ruína,
desprezo frio, umidade.
Porém nada dizia.

A rua que atravessava
a cavalo, de galope.
Seu relógio. Sua roupa.
Seus papéis de circunstância.
Suas histórias de amor.
Há um abrir de baús
e de lembranças violentas.
Porém nada dizia.

No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.
O mercado de desejos
expõe seus tristes tesouros:
meu anseio de fugir;
mulheres nuas; remorso.
Porém nada dizia.

Pisando livros e cartas,
viajamos na família.
Casamentos; hipotecas;
os primos tuberculosos;
a tia louca; minha avó
traída com as escravas,
rangendo sedas na alcova.
Porém nada dizia.

Que cruel, obscuro instinto
movia sua mão pálida
sutilmente nos empurrando
pelo tempo e pelos lugares
defendidos?

Olhei-o nos olhos brancos.
Gritei-lhe: Fala! Minha voz
vibrou no ar um momento,
bateu nas pedras. A sombra
prosseguia devagar
aquela viagem patética

através do reino perdido.
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que eu não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.
Puxava pelo casaco
que se desfazia em barro.
Pelas mãos, pelas botinas
prendia a sombra severa
e a sombra se desprendia
sem fuga nem reação.
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios
que se entranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida
me aperta contra o seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pungente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...

Senti que me perdoava
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,
a família, Itabira, tudo.

ÍNDICE DE TÍTULOS E PRIMEIROS VERSOS

A água cai na caixa com uma força, 127
A bruxa 97
Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo, 89
A dança já não soa, 85
A distribuição do tempo 61
A Federico Garda Lorca 25
Aliança 35
A Luis Mauricio, infante 89
A mão suja 129
Amor? Amar? Vozes que ouvi, já não me lembra 39
Aos navios que regressam 23
As complicadas instalações do gás, 105
As pedras caminhavam pela estrada. 43
A vida secreta da chave. 103
Bela 31
Brinde no banquete das musas 51
Canção amiga 15
Canto esponjoso 31
Canto órfico 85
Cemitérios 71
Circulação do poeta 65
Composição 33
Conclusão 59
Conhecimento de Jorge de Lima 67
Deitado no chão. Estátua, 35
Desaparecimento de Luísa Porto 17
Do lado esquerdo carrego meus mortos. 72
Domicílio 53
E agora, José? 123
E como ficou chato ser moderno. 77
Edifício Esplendor 103
E é sempre a chuva 33
Elegia 81

Entre tantas ruas 115
Era a negra Fulô que nos chamava 67
Escada 79
Escrita nas ondas 101
É sempre no passado aquele orgasmo, 69
Estâncias 39
Estrambote melancólico 75
Eterno 77
Eu preparo uma canção 15
Ganhei (perdi) meu dia. 81
Habilitação para a noite 47
Jardim 29
José 123
Lutar com palavras 109
Meu ser em mim palpita como fora 57
Minha mão está suja. 129
Morte de Neco Andrade 73
Na areia da praia 103
Na curva desta escada nos amamos, 79
Na curva perigosa dos cinqüenta 55
Não amando mais escolher 27
Negro jardim onde violas soam 29
Nesta cidade do Rio, 97
Nesta manhã de traço fino e ardente, 65
Neste brejo das almas 49
No Cemitério de Batalhão os mortos do Jenipapo não sofrem chuva nem sol; o telheiro os protege, asa imóvel na ruína campeira. 71
No céu também há uma hora melancólica. 113
No deserto de Itabira 133
No exemplar de um velho livro 49
Notícias de Espanha 23
Noturno oprimido 127
... O apartamento abria 53
O *arco* 41
O *boi* 99
O cão enterrado no quintal 71

O corpo enterrem-me em São Bento 71
O enigma 43
O enterrado vivo 69
Oh que saudades não tenho 104
O lutador 109
O quarto em desordem 55
Os impactos de amor não são poesia 59
Ó solidão do boi no campo, 99
Os rostos imóveis 119
Os tapetes envelheciam 106
Pai morto, namorada morta. 119
Palavras no mar 101
Pequeno mistério policial ou A morte pela gramática 27
Pede-se a quem souber 17
Poesia, marulho e náusea, 51
Quando mataram 73
Que quer o anjo? chamá-la. 41
Retorno 57
Rua do olhar 115
Sobre teu corpo, que há dez anos 25
Sombra mantuana, o poeta se encaminha 63
Tenho saudade de mim mesmo, 75
Tristeza no céu 113
Um minuto, um minuto de esperança, 61
Urna 72
Vai-me a vista assim baixando 47
Viagem de Américo Facó 63
Viagem na família 133

E agora, José?

(do poema "José")

ISBN 978-85-7684-136-4